

OUVE-ME COM OS OLHOS

Teresinha Ponce de Leon

Encantou-me a expressão, título de um capítulo do livro “As armadilhas da fé”, biografia de Sor Juana Inês de la Cruz, escrita por Octavio Paz. À medida que percorro o texto, descubro serem os versos iniciais das liras, nos quais a monja mexicana fala ao amigo ausente:

Óyeme com los ojos,
ya que están tan distantes los oídos,
y de ausentes enojos
en ecos, de mi pluma mis gemidos;
y ya que a ti no llega mi voz ruda,...
óyeme sordo, pues me quejo muda. ¹

Ler e escrever são formas de conversar com outros ou com um só. Nos dois casos, o interlocutor é uma presença ausente que fala sem língua e ouve sem orelhas. Em sua escritura, Sor Juana utiliza-se dos tropos retorcidos que sua época amava. Nessa, ela subverte a função própria do ouvido, delegando-a ao olhar.

Desde a Antiguidade, a leitura não era concebida senão em voz alta, em público, em privado, quer fosse um escravo a ler, quer o próprio sujeito.

Barthes conta que Santo Agostinho ao visitar Santo Ambrósio, na época bispo de Milão, admirava-se por encontrá-lo sempre a ler silenciosamente, nunca de outra maneira: “Os seus olhos percorriam as páginas, e a mente penetrava o conceito, enquanto a voz e a língua repousavam”. Agostinho não compreendia a razão desse silêncio; evitar explicar a um ouvinte as passagens difíceis, poupar a voz maltratada pelas pregações? ²

¹ Octavio Paz, *Sor Juana Ines de la Cruz o Las Trampas de la Fe*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988. pp. 363-383.

² Roland Barthes e Eric Marty, *Oral//escrito*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. p.194

A leitura silenciosa difundiu-se nos mosteiros por volta do século VI, para fazer reinar o silêncio e respeitar a hora da sesta, hora da leitura dita pessoal. O nosso modo corrente de leitura tem origem nas primeiras comunidades monásticas. Da voz alta na Antiguidade, até à extinção da voz, na Idade Média, houve uma espécie de ocultação do ato da leitura, do gesto, do corpo. E, no entanto, ler sempre fez parte de uma determinada atitude do corpo: pode-se ler em pé, sentado ou deitado.

Para os monges medievais, a leitura era uma ascese: três horas de manhã no Inverno, duas no Verão e durante a sesta. Segundo as regras monásticas, a leitura pessoal era concebida como uma disciplina corporal, privação, quase penitência.

Colégio de freiras. Retiro. Dois turnos dedicados à leitura, silenciosa, de livros religiosos. Vida de santos. Narrativa de martírios. Autoflagelações. Penitência. Vontade de conversar. Fazer graça. Ninguém pode falar.

Se a vigília é uma privação de sono, o jejum, de alimentação e a castidade, de atividade sexual, a que privação corresponderia a leitura? Ora, se leitura e privação se acompanham, é provável que a leitura ocupasse o lugar do tempo de gozo. Tal era a concepção cristã de leitura. Sabe-se que, durante o século XVII, a leitura foi considerada um perigo mortal para a alma. Apesar de tudo, não foi possível impedir a existência de uma leitura ligada ao prazer. Em que momento na história, ela se transforma, de penitência, em divertimento, passatempo?

Sem dúvida, a partir do romance, de amor ou de cavalaria: é a essa leitura que D. Quixote se dedica, em prejuízo de qualquer outra atividade, que está na origem de suas aventuras. Ao contrário da leitura disciplinar, contida, dos monges, a de D. Quixote é uma transgressão, uma loucura; condenada no livro, por um cônego, representante da ordem religiosa e social. Com seu romance, o

autor projeta satirizar a cavalaria andante, parodiar-lhe as aventuras; termina por escrever um dos mais fascinantes estudos da natureza humana, marco inicial do romance moderno. Em “As Melhores Poesias da Língua Castelhana “, ele, Cervantes, revela o seu verdadeiro intento:

[...] Yo he dado en Dom Quixote pasatiempo idem obs. acima
al pecho melancólico y mohino
em qualquer sazón, em todo tiempo.

Yo he abierto en mis Novelas um camino
por do la lengua castellana puede
mostrar com propiedad um desatino. ³

Lê-se, numa biografia de Teresa de Ávila, que os romances de cavalaria, que tanto apreciava quando jovem, despertaram nela o gosto pelo absoluto, pelo tudo ou nada. “Murmurava-se em Ávila que a Inquisição mandara procurar todos os seus escritos para analisá-los, destrinchar cada vírgula. Quando a Inquisição chegava perto, sentia-se cheiro de fogueira”.⁴

A transgressão aprofunda-se e, à leitura como diversão, sucede a leitura de gozo. Nela, o desejo está ali com o seu objeto, que é a definição do erotismo:

Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que se não esquecesse de si e de tudo. Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente. [...] Acabaram de jantar [...] Inácio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole, alisava a toalha, arrancava dos dedos pedacinhos de pele imaginários, ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que que eram dois [...] A única defesa do moço Inácio é que ele não via nem um nem outro [...] Via só os braços de D. Severina [...] Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços.⁵

³ Miguel de Cervantes. , *Las Mejores Poesías de la Lengua Castellana*. Barcelona: Ediciones 29, p.125

⁴ Isaure de S. Pierre, *Teresa de Ávila ébria de Deus*. São Paulo: Martins Fontes,1992, p. 61.

⁵ J.M. Machado de Assis, *Contos Escolhidos*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001. p. 125

Nesse episódio estão entrelaçadas as emoções do corpo: a solidão, o devaneio, a volúpia. Esse tipo de leitura associa-se também a um prazer proibido, culpado. Seu caráter transgressivo está na origem do gozo.

Leu, às escondidas, "O Amante de Lady Chatterley", emprestado pela colega; colocou-lhe uma sobrecapa onde se lia: Geografia. Nunca estudara tanto.

Posterior à concepção cristã da leitura, há uma noção leiga sobre a relação entre o leitor e o autor. A palavra falada e a escrita requerem a presença do outro. Macauley, o historiador inglês, pressupõe existir entre o poeta e o leitor uma correspondência semelhante à que havia entre o bardo e o ouvinte. ⁶

Freud defende a mesma relação entre escritores e leitores:

O verdadeiro prazer provocado pela obra literária resulta da liberação de tensões existentes em nossa alma. Para esse resultado contribui o fato de que o poeta nos põe em estado de gozar nossas próprias fantasias, sem censura e sem pudor. ⁷

Pode-se definir " poesia" como a arte de empregar palavras de forma a produzir uma ilusão na imaginação. O poeta e o apreciador de poesia precisam acreditar na realidade de uma narrativa que eles sabem ser fictícia. Sem dúvida, a "verdade é essencial" à poesia; mas é a "verdade da loucura".

A poesia é uma *fine frenzy*, uma bela demência, mas demência apesar de tudo. A expressão *fine frenzy*, vem do "Sonho de uma noite de verão", de Shakespeare:

[...] O lunático, o amante e o poeta
São dominados pela imaginação:
Um vê mais demônios do que o inferno pode encerrar;

É o louco; o amante igualmente frenético,
Vê a beleza de Helena num rosto egípcio;

6 Thomas Babington Macauley, *Ensaíes*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

7 Sigmund Freud, *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968, vol. III, p. 1057.

O olhar do poeta, convulsionado por uma bela demência,
Vai do céu a terra, da terra ao céu;
E quando a imaginação engendra
Sombras de coisas desconhecidas, a pena do poeta
Dá-lhes forma, e confere a um nada, feito de ar,
Uma habitação local e um nome (Ato V, Cena I)

A leitura é uma das grandes vias de acesso ao Imaginário. Na descrição da saga dos Buendias, compartilha -se da ascensão de Remédios, “aos altos ares onde nem os mais altos pássaros da memória a podiam alcançar”; presencia-se, sem espanto, a revoada de borboletas amarelas sobre a cabeça de Maurício Babilônia, a anunciar-lhe a presença.⁸ Na trajetória de Esteban Trueba, vê-se, como se natural fosse, Rosa, a bela, em sua breve passagem pela terra, a deslocar-se indiferente e inacessível, com seu “incrível cabelo verde que lhe emoldurava o rosto como um chapéu de fantasia,”⁹

Onde nasce a fantasia?
No coração, na cabeça?
Como se gera e se nutre?
Responde, responde.¹⁰

Em alemão, a palavra *Phantasie* quer dizer imaginação; na Literatura, é sinônimo de Arte.

Macauley aborda outro tema do interesse de Freud: a relação entre a poesia e a imaginação infantil. “De todas as pessoas”, diz ele, as crianças são as mais imaginativas”¹¹ Para Freud, a atividade poética tem sua raiz na infância, na

atividade infantil. Ao brincar, cada uma, qual um poeta ¹², cria seu próprio mundo,

⁸ Garcia Márquez, *Cem Anos de Solidão*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1971

⁹ Isabel Allende, *A Casa dos Espíritos*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

¹⁰ Shakespeare, William, *O Mercador de Veneza*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1978, Ato Terceiro, p.330.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

investe nas brincadeiras uma grande carga afetiva e leva-as terrivelmente a sério; ao mesmo tempo, é capaz de diferenciar o mundo lúdico do mundo de verdade. O adulto não brinca mais. Porém, como a criança, o homem não abandona nunca as fontes originais do prazer; ao invés de brincar, fantasia. Se a poesia supõe uma regressão à infância, e as crianças antecedem os poetas na “bela loucura”, explica-se o porquê da grande atração que exerce sobre elas, o inatingível.

O adolescente entra na sala. Vem precedido por uma avalanche de informações: em casa, comunica-se pouco. Na escola, evita o convívio com os colegas. Vive 'hipnotizado' diante do computador. Não "gosta" de ler. A voz sai-lhe abafada. A fala, quase ininteligível. Mal abre a boca. Está cansado de ser observado, testado, examinado. Naquele dia, impelido, talvez, a pôr um à conversa, perguntou, de chofre:
- *Você sabe quem é Odisseu? Sabia. Bendita Mitologia. Fresta. Ponte.Caminho.*

Quem, criança, não se imaginou viajando a lugares inesperados, mágicos, aparentemente inacessíveis? A protagonizar aventuras que se assemelhavam a sonhos?

Monteiro Lobato não deixou por menos: seus heróis foram ao céu, com o “adjutório” do pó de pirlimpimpim.¹³ De lembrança, Emília trouxe, a tiracolo, um anjinho dos legítimos, ainda que de asa quebrada.¹⁴ Na Grécia Antiga, eles conversaram com Péricles, Fídias, Sócrates, Heródoto... No Olimpo, apreciaram, às escondidas, Zeus e sua corte. Provaram do néctar e da ambrosia... Numa arriscada operação resgate, localizaram tia Nastácia, em pleno labirinto de Creta, a fritar bolinhos de trigo para seu seqüestrador, o Minotauro.¹⁵

Onde nasce a fantasia?

No coração, na cabeça?

Como se gera e se nutre?

Responde, responde.

¹³ Lobato, Monteiro. *Viagem ao Céu*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965, vol. 2

¹⁴ _____ *Memórias da Emília*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965. vol.5

¹⁵ _____ *O Minotauro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965, vol. 13

Retorno à frase-título. E a repenso. Às avessas: “Veja-me com os ouvidos”.

[...] E quando a imaginação engendra
Sombras de coisas desconhecidas, a pena do poeta
Dá-lhes forma, e confere a um nada, feito de ar,
Uma habitação local e um nome.

Então,

Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada. ¹⁶

16 Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995